

CONFERÊNCIA ANUAL DA COMISSÃO NACIONAL JUSTIÇA E PAZ

PALAVRAS DE ENCERRAMENTO

Para encerrar esta nossa Conferência, e a respeito do tema deste último painel *As religiões e a paz – parte do problema ou parte da solução?*, gostaria de dizer algumas palavras.

Penso que as religiões serão parte da solução se forem vividas na sua autenticidade e não se deixarem instrumentalizar, desde logo como simples fator de identidade que distingue um grupo de outro grupo, um fator de identidade arbitrário (será esse, como poderia ser qualquer outro), que pode traduzir-se em formas externas de marca cristã (por exemplo), sem qualquer coerência com o conteúdo da mensagem cristã. Não tem sentido, porque não é coerente com a mensagem do Evangelho, recusar o acolhimento de refugiados não cristãos em nome da identidade cristã da Europa.

Jonathan Sachs foi durante vários anos rabino-chefe do Reino Unido e dos países da *Commonwealth* e recebeu recentemente o prémio Templeton, uma espécie de prémio Nobel «para o progresso da religião», como homenagem ao seu contributo para o entendimento entre pessoas de diferentes religiões. Afirma no seu livro *Not in Gods Name*:¹

«Com muita frequência na história da religião, muitas pessoas mataram em nome de Deus da vida, combateram guerras em nome do Deus da paz, odiaram em nome do Deus do amor e praticaram a crueldade em nome do Deus da compaixão. Quando isto sucede, Deus fala, por vezes com uma voz calma e fraca, quase inaudível, sob o clamor dos que pretendem falar em seu nome. O que diz nessas ocasiões é: *Não em meu nome.*»

A tese central desse livro pretende refutar a ideia de que as religiões, em especial as religiões monoteístas (com a sua defesa de uma verdade absoluta), são necessariamente causa de violência. Jonathan Sachs não ignora que com frequência se procura legitimar religiosamente o ódio e a violência. Isso sucede não por causa da religião, mas por causa da natureza humana, capaz do melhor e do pior. E sucede porque a religião é a força mais poderosa para criar e manter a identidade e coesão de um grupo, a confiança entre desconhecidos. O problema surge quando a identidade e coesão de um grupo se constrói *contra* outro grupo. E quando uma visão dualista faz passar a fronteira entre o bem e o mal no limite que divide um grupo do outro, e não no interior de cada pessoa (o mal está sempre nos que são diferentes de nós, e nunca dentro de cada um de nós).

Afirma também Jonathan Sachs que os terroristas hoje invocam o Islão para justificar a violência não o fazem tanto por serem vítimas de exclusão social, ou por viverem com intensidade a religião (que conhecem superficialmente), mas porque buscam, de um modo perverso, uma identidade, um sentido de pertença e uma aspiração de entrega pessoal que as sociedades materialistas e individualistas de hoje não satisfazem.

¹ Hodder, Londres, 2016

Mas esse papel de cimento de identidade contra outros também foi desempenhado por ideologias que imperaram no século XX e que pretendiam substituir a religião. E a violência chegou ainda mais longe: Hitler, Estaline, Mao, Pol Pot.

O desafio não é, então, o de suprimir ou viver com menos intensidade a religião, mas o de a viver com mais autenticidade. Porque nas religiões monoteístas que se reconhecem na fé de Abraão encontra-se o antídoto radical ao ódio e à violência.

A propósito do Islão, recordo a afirmação do procurador italiano Armando Spataro, especialista em terrorismo, ao enaltecer o gesto dos muçulmanos que, depois da morte do padre Hamel, quiseram assistir à missa em várias cidades francesas e italianas, em sinal de solidariedade para com os católicos, salientou isso: «ninguém pode combater o terrorismo sem a ajuda das comunidades islâmicas». Ou seja, estas, ao condenar o terrorismo em nome do Islão, exercem um papel pedagógico insubstituível no combate a esse fenómeno (talvez mais do que as polícias e os serviços de informação). Foi isso mesmo que eu disse a um amigo que me enviou uma mensagem de vigoroso protesto contra a construção de uma mesquita em Lisboa.

A respeito da questão do acolhimento dos refugiados e dos imigrantes, penso que virá a propósito voltar a citar o Papa Francisco (cito o Papa Francisco, mas poderia citar também os Papas anteriores, que também muito disseram no mesmo sentido – há quem queira elogiar o Papa Francisco dizendo que ele «não tem nada a ver com os Papas anteriores»; eu não digo isso porque penso que, se o dissesse, não estaria a elogiá-lo, mas a ofendê-lo).

São palavras proferidas perante uma assembleia de refugiados acolhidos em Itália, na sua recente deslocação a Bolonha. Mostram como a indiferença e o medo podem ser superados com a proximidade e o olhar da misericórdia. Ajudam-nos a compreender e valorizar o sentido do acolhimento destas pessoas.

«Muitos não vos conhecem e sentem medo. O receio leva-os a sentir-se no direito de julgar, e de o poder fazer com aspereza e insensibilidade, enquanto julgam que estão a ver bem. Mas não é assim. Só vemos bem com a proximidade, que nos confere a misericórdia. Sem ela, o outro permanece uma pessoa alheia, até mesmo um inimigo, e não pode tornar-se o meu próximo. De longe, podemos dizer e pensar qualquer coisa, como facilmente acontece quando se escrevem frases terríveis e insultos via internet. Se olharmos para o próximo sem misericórdia, não nos daremos conta do seu sofrimento, dos seus problemas. E se considerarmos o outro sem misericórdia, correremos o risco de que também Deus olhe para nós sem misericórdia. Hoje vejo somente um grande desejo de amizade e de ajuda. Gostaria de agradecer às instituições e a todos os voluntários a atenção e o esforço dedicados para cuidar de quantos estão aqui hospedados. Em vós vejo, como em cada forasteiro que bate à nossa porta, Jesus Cristo, que se identifica com o estrangeiro de todas as épocas e condições, recebido ou rejeitado (cf. *Mt 25, 35.43*).

Este fenómeno exige visão e uma grande determinação na gestão, inteligência e estruturas, além de mecanismos claros que não permitam mistificações nem explorações, ainda mais inaceitáveis porque são feitas contra os pobres. Julgo

verdadeiramente necessário que um número maior de países adotem programas de ajuda particular e comunitária ao acolhimento, abrindo corredores humanitários destinados aos refugiados em situações mais difíceis, a fim de evitar esperas insuportáveis e perda de tempo que podem iludir. A integração começa mediante o conhecimento. O contacto com o próximo leva a descobrir o “segredo” que cada um traz consigo e também o dom que o outro representa, e a abrir-se a ele para acolher os seus aspetos válidos, aprendendo deste modo a amá-lo, superando o medo e ajudando-o a inserir-se na nova comunidade que o recebe. Cada um de vós tem a sua própria história, disse-me a senhora que me acompanhava. E esta história é algo sagrado, que devemos respeitar, aceitar, acolher e contribuir para que progrida. (...).

Venho ao meio de vós porque no meu olhar quero trazer o vosso — fitei o vosso olhar — no meu coração, o vosso. Quero levar comigo os vossos rostos que pedem para ser recordados e ajudados, diria “adotados”, porque no fundo procurais alguém que aposte em vós, que tenha confiança em vós, que vos ajude a encontrar aquele futuro cuja esperança vos trouxe até aqui.

Vós sabeis o que sois? Sois «lutadores de esperança»! Alguns não chegaram, porque foram tragados pelo deserto ou pelo mar. Os homens não se recordam deles, mas Deus conhece o seu nome e recebe-os ao seu lado. (...). A vós, lutadores de esperança, faço votos a fim de que a esperança não se torne desilusão ou, pior ainda, desespero, graças a tantas pessoas que vos ajudam a não a perder. No meu coração quero levar o vosso medo, as dificuldades, os riscos, as incertezas... e também tantos letrados: «Ajuda-nos a obter os documentos»; as pessoas que vós amais, que vos são queridas e pelas quais vos pusestes a caminho em busca de um futuro. Levar-vos nos olhos e no coração ajudar-nos-á a trabalhar mais em prol de uma cidade hospitaleira e capaz de gerar oportunidades para todos. Por isso, exorto-vos a permanecer abertos à cultura desta cidade, prontos para percorrer o caminho indicado pelas leis deste país.»

Penso que desta forma concluímos bem a nossa Conferência.

Quero agradecer a todos, aos oradores convidados e a todos vós, e também ao Centro Cultural Franciscano, que tão solícitamente nos acolheu.

Lisboa, 25 de novembro de 2017

Pedro Vaz Patto